

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 19.)

566.º Os afolhamentos podem ser formados por giros de dois, de tres, e mais annos. Os afolhamentos *biennaes* são pouco frequentes por terem o grande inconveniente de incurtar consideravelmente o giro das culturas, fazendo-as reaparecer no mesmo terreno em annos alterados, o que extenua extremamente o solo, e diminue a riqueza das colheitas. Estes afolhamentos só podem adoptar-se em terrenos muito pingues, e mesmo neste caso ainda se torna necessario estrumar-os abundantemente, e proceder de maneira que as culturas sachadas alternem com as que o não forem. E na verdade é sómente por meio dos abundantes adubos e dos amanhos frequentes, que aquellas culturas reclamão, que poderemos reparar e manter durante taes afolhamentos a actividade productiva do terreno consideravelmente depauperada pela repetição biennial das mesmas culturas. Eis-aqui dois exemplos deste giro biennial.

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, favas de Hollanda bem esterçadas.
- 2.º — trigo de outomno sem esterco.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, favas bem esterçadas.
- 2.º — trigo tremez.

*Terceiro exemplo.*

- 1.º anno, milho miudo ou grosso.
- 2.º — trigo ou centeio.

567.º Este ultimo giro é muito usado em alguns concelhos das nossas provincias do sul, e principalmente no Alemtejo.

568.º Os afolhamentos triennaes, posto que participem ainda um pouco dos defeitos dos antecedentes, são todavia mais racionaes ou menos oppostos aos principios que estabelecemos. O seu uso é ainda bastante frequente em Inglaterra, e mesmo em França; onde se tem procurado atenuar os seus inconvenientes, combinando-os com o pousio, isto é, adoptando um anno de repouso no triennio da rotação. E' assim que nos *departamentos do Sena e Marne*, do *Marne*, e das *Ardenas* se acha desde tempo antigo adoptado este systema de rotação. Divide-se o terreno em tres porções, e procede-se como demonstra o seguinte exemplo.

1.º terço, 2.º terço, 3.º terço.

- 1.º anno — trigo — aveia — pousio.
- 2.º » — aveia — pousio — trigo.
- 3.º » — pousio — trigo — aveia.

569.º Este afolhamento porém apresenta grandes inconvenientes; em primeiro lugar apenas nos dá duas colheitas no espaço de tres annos; depois disto não nos subministra pastos nem forragens sufficientes para os animaes; e está hoje plenamente demonstrado que o agricultor não póde melhorar nem mesmo sustentar a sua posição sem ser simultaneamente creador de gados. E' por isso que ao pousio se tem substituido ou o trevo, que é a chave dos afolhamentos, ou alguma cultura sachada; como se vê nos seguintes exemplos:

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, trigo estrumado.
- 2.º — aveia.
- 3.º — trevo.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, trigo estrumado.
- 2.º — aveia.
- 3.º — ervilhas.

570.º No meio-dia da França, e na Toscana é muito geral o seguinte afolhamento, que é considerado como o modello das rotações triennaes:

- 1.º anno, trigo seguido immediatamente de tremoços enterrados.

- 2.º — trigo seguido de uma forragem semeada com elle.
- 3.º — milho grosso ou milho miudo.

571.º Entre estes afolhamentos triennaes não deve ser omitido o que cita *Sinclair* como tendo logar ha muito tempo em *Essex* — é o seguinte:

- 1.º anno, batatas bem estrumadas.
- 2.º — trigo.
- 3.º — trevo.

572.º Esta rotação dá grandes colheitas de trigo e offerece, segundo affirma aquelle agronomo, resultados os mais satisfactorios; contando por isso um grande numero de sectarios. Na opinião de *Schuerz* fóra impossivel instituir um afolhamento triennial mais productivo em todas aquellas localidades, onde o trevo poder prosperar. Nos nossos terrenos humidos e pingues, e particularmente nas beiras do Tejo, do Sado, e do Mondego não póde deixar de ser grandemente vantajoso este excellente afolhamento, e talvez muito preferivel áquelle, que se adopta em alguns pontos da borda d'agoa, em que se faz succeder ás favas o trigo, e a este o milho em annos consecutivos.

573.º Citaremos ainda alguns exemplos mais recommendaveis deste giro de culturas.

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, batatas.
- 2.º — trigo.
- 3.º — cinouras.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, favas.
- 2.º — cevada.
- 3.º — nabos.

*Terceiro exemplo.*

- 1.º anno, fava ordinaria bem estercada.
- 2.º — trigo.
- 3.º — chicharos semeados em março e cortados em flor para sustento do gado.

*Quarto exemplo.*

- 1.º anno, batatas bem estrumadas.
- 2.º — aveia de outomno, trevo.
- 3.º — trevo para enterrar depois do 2.º corte.

*Quinto exemplo.*

- 1.º anno, favas bem estercadas.
- 2.º — trigo, e sobre o restólho trevo.
- 3.º — trevo para enterrar depois do 2.º corte.

574.º Os afolhamentos quadriennaes são os mais geralmente seguidos, e merecem sê-lo, porque dilatando o turno das culturas pelo espaço de tres annos são mais racionaes do que os precedentes, que estabelecem turnos muito menores. Entre estes afolhamentos torna-se muito recommendavel o celebre afolhamento de *Norfolk*, que mudára completamente a face da agricultura da parte meridional desta provincia, antes tão miseravel e hoje tão abastada e fertil — ei-lo aqui

- 1.º anno, nabos turnepos estrumados e sachados.
- 2.º — cevada.
- 3.º — trevo.
- 4.º — trigo.

575.º O grande merecimento deste afolhamento como observa o celebre *Valcourt* consiste na alternativa das culturas dos nabos e trevo, que melhoram o solo com as da cevada e trigo que o esgotão. Além disto as raizes de todas estas plantas, sendo de natureza diversa, procuram as substancias alimentares em camadas de solo mais ou menos profundas. Demais o estrume é applicado á cultura preparatoria do terreno ou áquelle que o alimpa e bonifica. Finalmente o intervallo que se encontra entre a ceifa do trigo e a sementeira dos nabos subministra o tempo preciso para se executarem as lavouras e amanhos convenientes ao cultivo desta ultima planta; verificando-se a mesma circumstancia para com as restantes culturas. Na opinião porém de *Schuerz* apresenta ainda um inconveniente esta tão elogiada rotação; e é o de se haver declarado a experiencia contra a sua longa duração; mas quando assim seja poderá remediar-se este inconveniente desfolhando-se o terreno e estabelecendo-se um novo giro de culturas.

576.º Na Escocia foi esta rotação substituida por outra, que no juizo de *Sinclair* não é menos vantajosa — é a seguinte:

- 1.º anno, nabos turnepos.
- 2.º — trigo de primavera ou cevada.
- 3.º — trevo.
- 4.º — aveia.

577.º Nas proximidades de Edimburgo acha-se adoptada uma rotação quadriennial que tem grangeado um geral assentimento. Ella parece muito apropriada por todos os paizes em que o solo e o clima são antes secos do que humidos; e merece sem duvida ser ensaiada entre nós — é a que se segúe:

- 1.º anno, batatas.
- 2.º — trigo.
- 3.º — trevo.
- 4.º — aveia.

578.º E' quasi desnecessario advertir que as rotações dos terrenos fortes e argilosos devem diversificar das dos terrenos leves e calcario-siliciosos. As dos dois seguintes exemplos podem convir aos primeiros, e não aos segundos.

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, favas bem esterçadas e sachadas.
- 2.º — trigo e depois trevo.
- 3.º — trevo.
- 4.º — trigo de inverno.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, batatas bem esterçadas e amanhadas.
- 2.º — trigo de inverno depois trevo adubado em gesso.
- 3.º — trevo enterrado depois do 2.º corte.
- 4.º — trigo de inverno.

579.º Aos terrenos leves podem convir os rotações dos dois exemplos seguintes:

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, milho enterrado.
- 2.º — trigo depois trevo.
- 3.º — trevo.
- 4.º — trigo de inverno.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, batatas.
- 2.º — trigo.
- 3.º — cevada.
- 4.º — trevo.

580.º Os afolhamentos de cinco annos mais usados em Inglaterra são os dos dois seguintes exemplos:

*Primeiro exemplo.*

- 1.º anno, nabos.
- 2.º — cevada.
- 3.º — trevo ceifado uma só vez.
- 4.º — trigo.
- 5.º — cevada.

*Segundo exemplo.*

- 1.º anno, nabos.
- 2.º — trigo.
- 3.º — cevada.
- 4.º — trevo.
- 5.º — aveia.

581.º No reino de Napoles, e nos campos humi-

dos de Sorrento encontra-se o seguinte afolhamento digno de ser, com pequenas alterações, imitado entre nós nos terrenos frescos e fecundos:

- 1.º anno, milho grosso estrumado.
- 2.º — trigo e depois favas.
- 3.º — algodão.
- 4.º — trigo seguido por trevo encarnado.
- 5.º — melões seguidos por legumes.

582.º E' impossivel, diz *Chateauvieux*, arranjar mais vantajosamente esta variedade de culturas. A natureza da sua vegetação e os diferentes amanhos que ellas demandão repousão e preparão o solo, cuja fertilidade é conservada por esta diversidade de productos preciosos com que a terra recompensa o trabalho e a industria do cultivador esclarecido.

583.º A Italia offerece-nos ainda um proveitoso exemplo de rotação de seis annos, que desejamos fazer conhecer. E' nas proximidades de *Parma*, e nas ricas terras de alluvião formadas pelo *Pó*, que se encontra geralmente adoptada a seguinte rotação:

- 1.º anno, milho grosso e canamo estrumado.
- 2.º — trigo.
- 3.º — favas.
- 4.º — trigo estrumado.
- 5.º — trevo enterrado depois do 1.º corte.
- 6.º — trigo.

584.º Esta rotação, que nos parece muito propria para as lizirias do nosso Tejo, e para os campos do nosso Mondego, é summamente productiva, mas é tambem summamente esgotante; e só póde ser aguentada por uma grande fertilidade do solo reforçada periodicamente ou pelos nateiros dos rios, ou por estrumes convenientemente applicados.

785.º Ha ainda afolhamentos de mais longas rotações, mas como os principios estabelecidos, e os exemplos apresentados são sufficientes para guiar o cultivador nos seus ensaios, nós deixaremos de os mencionar para não ultrapassar as raías que nos prescrevemos.

586.º As noções elementares que temos exposto são mais que bastantes para fazer sentir ao agricultor toda a importancia deste objecto, e para o induzir a medital-o profundamente. Em muitos paizes a pratica tem já indicado o caminho que se deve seguir; mas entre nós não acontece infelizmente assim, por isso que os afolhamentos são inteiramente desconhecidos em muitas localidades do reino, e apenas praticados n'um ou n'outro ponto, de modo que pouco se póde aprender dos erros ou dos acertos alheios. E' um melhoramento que precisa introduzir-se, ou um systema que precisa crear-se por meio de tentativas e ensaios prudentemente dirigidos pelas regras da sciencia, e pelo tino pratico do agricultor. A adopção porém des-

te afamado systema depende essencialmente da adopção simultanea, ou antes previa, de methodos e practicas agronomicas, que só a acção combinada da experiencia e do tempo póde ir gradualmente introduzindo entre nós. Nem se esqueçam os nossos agricultores — permittam que inda lho recordemos outra vez — que sem prados artificiaes, sem gados sufficientes e nutridos nos curraes, e sem estrumes, é impossivel a instituição de bons afolhamentos.

(*Continua*).

José Maria Grande.

*Quão importante seja que os naturalistas hespanhoes se relacionem, porque o devem fazer, com os portuguezes, e noticias de instrucção publica em Portugal, particularmente no que pertence a sciencias naturaes.*

(*Continuado do n.º 20.*)

A academia das sciencias, a escola polytechnica e a medico-cirurgica daquella capital (Lisboa), são os estabelecimentos que nella possuem as colleções, jardins e mais meios materiaes de ensino que requerem os diversos ramos do estudo da natureza.

Erigida no anno 79 do ultimo seculo, deu rapidamente os mais felizes resultados a academia de sciencias de Lisboa, que reunia as mais altas capacidades portuguezas e dava aos differentes conhecimentos humanos um impulso não conhecido em Portugal antes nem depois da epoca mais florescente daquella illustre corporação.

As suas memorias que, divididas em scientificas, litterarias, e economicas constituem tres distinctas colleções, occupando muitos tomos cada uma, e particularmente a das scientificas, são o melhor testemunho que póde aduzir-se para demonstrar a importancia que teve um corpo cuja actividade e discussões se deviam resentir da turbulencia dos tempos. Reorganizada em 1834, destinou-se-lhe um grande convento, agregou-se á sua bibliotheca propria a numerosa bibliotheca que nelle existia, trasladou-se para o mesmo o gabinete de historia natural que pertencia ao museu real da Ajuda, e mais algumas pinturas e medalhas, formando-se nas immedições um jardimzinho. Uma nova serie de memorias, que reúne as de todas as materias foi começada em 1843; porém devemos dizer que em quanto ás scientificas ha-de por agora a nova colleção ceder á antiga. Nesta acharão os nossos botanicos importantes trabalhos de Vandelli (Domingos), Loureiro, Gomes (Bernardino Antonio), Brotero, Silva, Feijó e outros; os zoologos poderam ler algum escripto do mesmo Vandelli, e encontrarão algum relativo aos peixes de Portugal, com a nomenclatura lusitana, se percorrerem algumas das memorias scientificas e economicas; os geologos e paleontologos ad-

quirirão algumas noticias ácerca de Portugal e ilhas, lendo as memorias do barão d'Eschwege, Vandelli (Alexandre Antonio), e Silva Mousinho de Albuquerque.

O gabinete de historia natural que tem em deposito a academia das sciencias, é dirigido pelo professor Francisco Assis de Carvalho, que é ao mesmo tempo lente de zoologia na escola polytechnica. Compõem-no mais ou menos numerosas colleções zoologicas e uma soffrivel de mineraes e rochas, ainda que muito inferior á de Madrid em quanto á magnificencia dos exemplares. E' para lamentar que esteja tão pouco adiantada a classificação dos objectos que se acham no primeiro gabinete de cousas naturaes que possui Portugal. Alguns exemplares, e citaremos os de insectos, acham-se ainda colocados nas caixas em que vieram de paizes estrangeiros, pois do proprio paiz, se nos não enganamos, apenas existem poucos. Asseguraramos que um medico da junta de saude, cujo nome sentimos ter esquecido, dotado de bons conhecimentos praticos, tomou a seu cargo classificar e ordenar completamente os objectos do gabinete de historia natural, trabalho largo e penoso, que distrahiria muito das atenções proprias do professorato ao seu digno professor, se se vira isolado n'uma tal empresa.

As colleções de objectos naturaes proprias da escola polytechnica são tambem dignas de mencionar-se, ainda que não sejam muito numerosas, nem estejam convenientemente colocadas, por falta de logar. E' muito interessante a colleção de rochas e mineraes que a escola adquiriu de Brogniart, e igualmente o são outras colleções parciaes. Poderiam receber facil augmento algumas das zoologicas, se o professor Carvalho e o seu substituto Barboza de Bocage (1) se relacionassem com os professores do museu de Madrid, e com alguns dos de provincia que julgamos muito dispostos a estabelecer mutuas trocas do que cada paiz offerece, particularmente em insectos e conchas. Por esta occasião lembraremos ao apreciavel mancebo Barboza de Bocage a sua promessa de se dedicar ao estudo pratico e rural da zoologia, que é o verdadeiro e mais util estudo. Tem além disto a escola polytechnica de Lisboa um bom laboratorio de chimica, e um bem provido gabinete de phisica, cujos professores, assim como o de mineralogia, são distinctos nas suas respectivas sciencias. Tambem o são e muito os professores Folque, de astronomia; Albino, de mechanica, e Rego, seu substituto, sentindo nós não poder nomear outros que o merecem. Faremos sim, menção especial do nosso collega e amigo o conselheiro José Maria Grande, lente de botanica na mesma escola, e do seu substituto Andrade Corvo; posto que nos incumbe fallar mais de espaço do jardim botanico da

(1) O Sr. Bocage foi proposto pela escola ao governo, depois de um concurso, para substituto de zoologia; mas o governo ainda o não nomeou, não podemos atinar porque motivo.

Ajuda que o primeiro dirige; porém antes diremos alguma cousa acerca do que deve a sciencia das plantas aos nossos vizinhos peninsulares.

Em Portugal como em Hespanha, cultivou-se sempre a botanica mais do que os outros ramos da historia natural; assim acontece que desde tempos muito remotos contam os portuguezes entre os seus homens celebres bastantes botanicos. Póde considerar-se como tal, attenta a epoca em que viveu, João Rodrigues de Castello-Branco, conhecido pelo nome de Amado Lusitano, que no meado do seculo XVI comentou os livros de Dioscorides e applicou ás suas plantas a nomenclatura portugueza; porém maiores direitos teem a semelhante consideração outros portuguezes, que floreceram no mesmo seculo. E' verdade que não trataram da flóra patria, porém em compensação foram os primeiros que fizeram conhecer muitas produções do meio-dia d'África, da India oriental, e da China. Sãnão que o digam Thomé Peres, que morreu em Pekin, no anno de 1521, onde o levou o seu zelo scientifico e o do governo, que para lhe dár uma vã immundade o havia investido do caracter de embaixador; Garcia da Horta, que deixando em 1534 a sua cadeira em Coimbra, se foi á India e publicou em Góia muitos annos depois os resultados das suas investigações; Christovão da Costa, que viajou igualmente, e foi imitador de Horta; João Fragoço cirurgião de Philippe II, que tambem escreveu sobre as plantas orientaes, ainda que parece que nasceu em Hespanha; Fernão Mendez Pinto, Barros e outros que mencionaram muitas arvores e mais produções da India, China, Molucas e outras ilhas daquelles mares; Pedro de Magalhães, o primeiro que fez conhecer algumas plantas do Brazil, &c.

No seculo XVIII os portuguezes dedicaram-se novamente, e com mais conhecimentos, ao estudo das plantas, não se limitando ás exóticas como até alli o tinham feito. João Loureiro, missionario jesuita, partiu para a China em 1735, porém sendo bem recebido na Cochinchina, se fixou alli, e permaneceu mais de trinta annos prodigalizando os beneficios da religião a par dos da medicina. Para o exercicio desta foi-lhe necessario adquirir conhecimentos das plantas daquele paiz, e sem livros nem outros meios a principio; com poucos muito tempo depois, porém fazendo sempre exforços de talento, chegou a conseguir o seu fim. Tambem chegou a conhecer muitas plantas da China, costas de Cambogia, Bengala e Malabar, assim como da ilha de Moçambique, e de todas deu boas descrições na sua *Flóra cochinchinense*, que no anno de 1790, pouco depois do seu regresso, publicou em Lisboa de baixo dos auspicios da academia das sciencias. Além disto viajaram por commissão do governo portuguez, depois do anno de 1780, varios naturalistas: Manuel Galvão da Silva acompanhado de um desenhador e de um preparador foi enviado a Moçambique; Angel Donati, empregado do jardim botanico de Lisboa, mar-

chou para Angola; João da Silva Feijó, que se dirigiu ás ilhas de Cabo Verde e depois ao Brazil, publicou no Rio de Janeiro algumas noticias sobre a historia natural da provincia de Ceará; Alexandre Rodrigues Ferreira tomou sobre si o encargo de percorrer varias provincias do Brazil, com dois desenhadores e um jardineiro, porém não sahiram á luz os numerosos manuscriptos relativos á sua viagem. Houve outros portuguezes conduzidos ao Brazil pela sua sorte ou pela sua vontade que se dedicaram á botanica naquella região; Manuel Joaquim Henriques de Paiva havia publicado em Lisboa alguns escriptos, deu á luz outros no Rio de Janeiro, e contribuiu alli para a formação de uma sociedade de historia natural; Bernardino Antonio Gomes fez interessantes observações sobre muitas plantas brazileiras, que depois da sua volta publicou em Lisboa no anno de 1812, o que já antes havia feito do seu *Ensaio sobre a cinchonina*, promptamente traduzido em inglez; trabalhos sufficientes para lhe dar a merecida reputação que gozou, ainda que a medicina lhe não devesse outros muito importantes. No Brazil existiu tambem um Vellozo de Miranda que communicou a Domingos Vandelli, primeiramente professor de Coimbra e mais tarde de Lisboa, varias plantas com que formou alguns dos seus fasciculos. Outro Vellozo, chamado fóra do seu convento José Vellozo Xavier, distinguu-se singularmente na America portugueza pelos trabalhos que consagrou á historia natural, e em particular á botanica. Terminou no anno de 1790 e publicou alguns annos depois a *Flora fluminense*, ou do Rio de Janeiro, além de outras obras de botanica tambem e de zoologia, assim como igualmente de agricultura, cujo numero e volume acreditam a summa laboriosidade de tão habil naturalista.

Dois botanicos notabilissimos faziam honra a Portugal no primeiro terço do presente seculo; José Corrêa da Serra, e Felix de Avellar de Brotéro.

Não duvidamos em qualificar o abbade Corrêa da Serra de eminente botanico, o mais pensador e profundo que floreceu em Portugal, e talvez na Península toda. Sem haver escripto grandes obras deixou em diversas publicações periodicas de França, Inglaterra, e Estados Unidos muitas memorias que exerceram uma influencia clara nos progressos do que ha de mais elevado na sciencia botanica. Teremos occasião de enumerar-as e analisar-as; por agora diremos só que a organografia, e a carpologia em particular, a fisiologia, a theoria do methodo natural e até a botanica descriptiva e a orictologia, devem a Corrêa da Serra trabalhos de maior ou menor importancia. E' por isso que De Candolle e outros botanicos igualmente celebres, o citam com muita consideração, como é justo que se tenha a quem tanta mereceu durante a vida. Foi um dos fundadores da academia das sciencias de Lisboa, e seu secretario perpetuo; pertenceu tambem ás principaes corporações scientificas da Europa, bastando citar entre ellas o Instituto de Pariz e a So-

cidade Real de Londres. No seu paiz occupou logares distinctos, e representou-o nos Estados Unidos.

Antes descriptor que filosofo, fez Brotéro na sua posição grandes serviços á botanica portugueza. São brilhantes testemunhos disto a sua *Flóra lusitana* e a sua *Phitografia*, que conhecem todos os que cultivam a sciencia das plantas. Varios outros escriptos soltos e algumas memorias insertas entre as da academia das sciencias de Lisboa acreditam todavia o zelo do illustre Brotéro. A sua obra elementar, que com o titulo modesto de *Compendio de botanica*, escreveu e publicou em Paris, merece collocar-se entre as melhores daquelle tempo, e é ainda a que addicionada e posta em harmonia com os conhecimentos actuaes por Antonio Albino da Fonseca Benevides, pode considerar-se como a mais completa que tem os portuguezes. Benevides publicou além disso um dictionario glosologico, complemento da mesma obra.

Antes de Brotéro haviam sido estudadas mui summaria e incompletamente as plantas portuguezas. Algumas noticias dispersas que Clusio, Tournefort, Antonio e Bernardo de Jussieu, com João Salvador, haviam recolhido; o *Veridarium lusitanum* de Grisley com as addições de Vandelli; algum catalogo formado por este; uma lista das plantas dos arredores de Coimbra, publicada por Manuel Dias Baptista entre as memorias economicas da academia das sciencias; outra das que crescem nas cercanias das Caldas da Rainha inserta por Joaquim Ignacio Seixas Brandão na sua obra sobre aquellas agoas, é tudo o que se havia feito antes que Brotéro publicasse a sua *Flora*. Depois emprehenderam Hoffmannsegg e Link outra magnifica, que não levaram a cabo.

Tambem antes da epoca de Brotero não haviam chegado a adquirir bastante importancia os jardins botanicos de Coimbra e de Lisboa, mandados estabelecer por D. José I. Ainda que foi Vandelli quem primeiramente teve a seu cargo o jardim botanico de Coimbra, pode dizer-se que este não recebeu uma boa organização até ao anno de 1791 em que foi entregue ao cuidado de Brotero, passando Vandelli a dirigir o de Lisboa, chamado da Ajuda, que estabeleceu D. Maria I para instrucção dos principes. Este jardim botanico, destinado hoje para o ensino publico, é o melhor de Portugal, e tambem Brotero contribuiu á sua mais perfeita organização, logo que foi posto debaixo da sua direcção no anno de 1811, deixando em Coimbra um logar que occupou Antonio José Neves, distincto botanico, que morreu em 1820 (2), antes do mesmo Brotero. Desde o anno de 1828 em que este falleceu, até o de 1834 conservou-se o jardim botanico da Ajuda sem direcção nem utilidade scientifica. Deram-lha desde 1834 até 1839, mas sem ensino proprio, Francisco Assis de Carvalho e José de Sá Ferreira, e por fim, aggregou-o a rainha actual á esco-

la polytechnica debaixo da direcção do professor José Maria Grande, desde 1840.

Não falta ao jardim da Ajuda certa magnificencia que faz lembrar o seu primeiro destino. Occupa um terreno bastante extenso e bem situado, ainda que mui distante do centro da povoação, como o está o palacio da Ajuda de que era dependencia. Acha-se dividido em duas partes principaes, uma alta e a outra baixa, por effeito das desigualdades de nivel proprias de Lisboa e suas cercanias. A parte baixa, distribuida em grandes quadros, é destinada ao cultivo de diversas plantas uteis e de adorno, achando-se nella tambem muitas e curiosas arvores. A parte alta é a que constitue propriamente o jardim botanico, porque nella estão a escola, e as estufas destinadas ás sementeiras annuaes. Por agora e por circumstancias inherentes á disposição primitiva do jardim, e independentes da vontade do seu director, não se acha ordenada a escola conforme o methodo natural, porém nem por isso deixa de o estar bem, e sobre tudo contém numerosas plantas dignas de chamar a attenção dos intelligentes e dos curiosos. Debajo deste ponto de vista não a merecem menor as estufas adjacentes em que se admiram varias plantas intertropicaes mui desenvolvidas (3). Em fim, tudo faz honra no jardim botanico da Ajuda ao zelo e intelligencia do distincto professor José Maria Grande, visto que debaixo da sua direcção se enriqueceu e regulou, ainda que Welwitsch, em qualidade de conservador, haja tido durante pouco tempo alguma parte nisto. O professor Grande une aos seus conhecimentos botanicos outros geraes e especiaes adquiridos dentro e fóra do paiz, que o tornaram digno de cargos elevados, o que nos é tanto mais grato quanto recae sobre um filho de paes hespanhoes.

O jardim botanico proprio da escola medico-cirurgica de Lisboa, ainda que pequeno, está provido de bastantes plantas, algumas muito curiosas, particularmente na estufa. Dirigi-o o professor da mesma escola, Bernardino Antonio Gomes, filho do conhecido botanico de igual nome, e herdeiro dos seus talentos. Dispól-o segundo o *Prodromus* de De Candolle, nas familias que este comprehende até hoje; porém em nesso conceito a disposição circular em que collocou os tableiros e a estreiteza do terreno, lhe difficulterào continuar do mesmo modo á medida que o *Prodromus* se adiantar.

Poderamos fallar d'alguns jardins particulares mui notaveis nas visinhanças de Lisboa, se o nosso objecto fosse manifestar o estado da floricultura em Portugal. Os que alli vimos, e os que existem no Porto, onde tambem se ensina a botanica, fazem formar uma vantajosa idéa do bom gosto dos portuguezes nesta

(3) Na *Illustração*, periodico portuguez, publicou o professor Grande com o titulo de *passeios* uma serie de artigos sobre o jardim botanico da Ajuda que contem muitos promenores importantes.

(2) Morreu posteriormente a 1834.

parte, quer se attenda á variedade, quer á novidade das flôres. A temperatura suave daquella zona littoral, permite que prosperem bem muitas plantas que se conservam com difficuldade debaixo do sol ardente das provincias centraes e meridionaes da Hespanha.

Outro gosto quizeramos nós que se vulgarisasse em Portugal: o de formar herbarios das plantas indigenas. O mesmo jardim da Ajuda não tem mais que o de Brotéro, por certo não muito numeroso, ainda que de muito valor pela sua origem. As caixas de plantas pertencentes a Vandelli que se conservam no mesmo estabelecimento, são procedentes do Brazil, e não é de plantas espontaneas o herbario que se vae formando no jardim. Sem embargo, muito póde esperar-se dos estudos particulares do professor Grande, que se encaminham a completar a *Flóra* de Brotéro em uma nova edição que conta fazer, tendo á vista exemplares da *Flóra* e da *Phitographia* com adições e notas escriptas pela mão de Brotéro que se conservam na bibliotheca publica. Segundo nos disse o mesmo professor (4), possui em Lisboa um bom herbario e outras collecções o doutor Lopes Fernandes, e egualmente vive ainda e reside em Lisboa José Francisco Valorado, conhecido entre os botanicos por ter communicado a Brotéro varias plantas, e por haver mantido relações com outros homens distinctos na sciencia.

Em quanto a obras elementares, tambem ha escassez em Portugal. Já fallamos do *Compendio de botanica* que fez Brotéro e da sua nova edição; porém além disto ha uns *Elementos* da mesma sciencia, que unidos a outros de chimica, publicou no Porto o então professor, depois ministro e actualmente deputado, Agostinho Albano da Silveira Pinto. O professor Xavier d'Almeida tambem escreveu uma *Introdução* á historia natural dos tres reinos, que corre lithografada nas mãos dos estudantes da escola polytechnica.

Talvez as nossas noticias se possam taxar de minuciosas, e de difusa a maneira de as expôr; porém tomem-se em consideração os nossos desejos de manifestar o estado scientifico de um paiz tão proximo como pouco conhecido debaixo de tal aspecto.

Miguel Colmeiro.

(Boletim Official de Madrid.)

### CONCELHO DE COLLARES.

A vida de um povo resulta da actividade dos seus membros: a simultaneidade dos movimentos particulares de cada fracção, a força creadora de cada parte em si mesmo, é que dão um resultado geral que é o progresso material, e consequentemente o progresso

(4) Devemos-lhe varias destas noticias e muitas attencões que tambem nos prodigalisaram o Dr. Pulido, medico distincto de origem hespanhol, e o secretario da escola medico-cirurgica.

moral da nação. Matar a vida municipal, ou prendel-a em laços tão estreitos que lhe não deixam livres os movimentos naturaes, que devem desenvolver-se na sua esfera de actividade, é annullar uma das mais fortes alavancas governativas, é condemnar o meio mais efficaz que se conhece para interessar os cidadãos na vida publica, no engrandecimento commum.

Um tempo houve, no principio da nossa existencia como nação, em que os concelhos eram fortes, dobravam o proprio throno e obrigavam-no a conceder-lhe privilegios; mas eram os seus alliados mais fieis contra as orgulhosas exigencias das classes do privilegio. Nesse tempo Portugal foi grande, luctou vantajosamente com inimigos mais fortes do que elle, arrojouse ás conquistas da Africa, e venceu sempre. Quem quizer comprehender qual era então a força espantosa deste povo portuguez, que hoje vemos tão degenerado e perdido, lance os olhos para a unica historia que possuímos, para a historia do Sr. Herculano, tão verdadeira, tão philosophica e conscienciosa, e desenganar-se-ha que essa força nascia toda do espirito municipal, da importancia dos concelhos, que reis e nobres respeitavam egualmente.

Hoje póde dizer-se que o espirito municipal não existe; e com tudo somos uma nação *constitucional*. A actividade dos concelhos não tem em que se empregue, a não ser na lucta perpetua a que os obriga a terrivel *centralisação*; mas nessa lucta mesma os concelhos combatem com inaudito desleixo, perdendo cada dia algum direito, e esgotando o resto das forças, que a desorganisação interna corroe simultaneamente.

As municipalidades são devoradas pela administração, mesmo involuntariamente, só pela necessidade das cousas; porque com a administração despendem ellas a mór parte dos seus rendimentos, ficando assim na impossibilidade de trabalharem para os seus interesses particulares.

Estas breves reflexões que deixamos aqui lançadas estão no espirito de todos que comprehendem as necessidades da nossa terra, e se interessam pelos seus melhoramentos; por isso vale a pena, e muito, de serem attendidas por aquelles a quem compete regularisar e dirigir este paiz. Um exemplo tomado n'um concelho rico, e que pela sua posição nas proximidades da capital tem mais do que os outros meios de fazer chegar as suas reclamações ao governo, dará ás nossas palavras plena confirmação.

O concelho de Collares é um dos concelhos mais felizmente situado; a sua agricultura está bastante desenvolvida, e o seu commercio é proporcionalmente grande; com tudo elle tem de luctar com as mesmas difficuldades que os outros, e acha-se esmagado sob o pezo dos seus encargos, sem poder occorrer ás urgentes necessidades da agricultura e do commercio; o rendimento do concelho é:

	<i>Certo</i>	<i>Incerto</i>	<i>Total</i>
Fóros .....	101\$000 ..	§ ..	101\$000
Aferições.....	6\$000 ..	§ ..	6\$000
Condemnações..	§ ..	20\$000 ..	20\$000
Laudemios ....	§ ..	30\$000 ..	30\$000
Rendas de pre- dios .....	§ ..	14\$000 ..	14\$000
<b>Somma .....</b>	<b>107\$000</b>	<b>64\$000</b>	<b>171\$000</b>
o rendimento é pois no maximo de 171\$000. Esta somma vae perder-se inteira em encargos, que montam a 698\$600 réis. Só a administração consome:			
Administrador do concelho .....			80\$000
Escrivão da administração.....			80\$000
Official de diligencias .....			30\$000
Amanuense da administração.....			10\$000
Casa para a administração .....			14\$400
<b>Somma .....</b>			<b>214\$400</b>

Ha pois um desequilibrio immediato entre os rendimentos proprios do concelho, e as despesas da administração, que sobre elle peza de um modo terrivel, sem que a sua utilidade corresponda aos inconvenientes que produz.

Nós reconhecemos o immenso proveito que dá ás localidades uma boa administração; sentimos as vantagens de uma centralisação moderada; mas desejamos vêr nella mais sympathia pelos interesses locais, ou ao menos um menor antagonismo com elles. E' cruel obrigar os concelhos a esgotarem as suas forças em nutrir um poder que, devendo ser-lhes útil, os mata, os atormenta, e lhes devora todos os recursos.

O concelho de Collares que tomámos para typo tem, além das despesas que acima notamos, outras suas proprias, como são o cirurgião, o boticario, o carcereiro, &c., o que faz montar o total dellas a 698\$600 réis, como já dissemos. Para fazer face ao excesso da despeza sobre a receita, o concelho recorre a um imposto geralmente conhecido, de 5 réis em cada arratel de carne que se vende, imposto que pela sua permanencia se torna ahi em demasia pezado.

Este concelho que gasta com a sua administração 214\$400 réis pôde apenas gastar com a sua instrucção 20\$000 réis!!— Ha no concelho um pobre professor de ensino primario, professor ignorante e rela-

xado no cumprimento das suas obrigações, a quem se dá aquella quantia imperceptivel, e não podia deixar de ser tal um mestre de primeiras letras pago por 20\$000 réis. Daqui resulta que, quasi ás portas de Lisboa, no sitio mais frequentado pelos estrangeiros, as creanças recebem a mesma educação que teem os filhos dos cafres.

O concelho de Collares exporta annualmente pelas estradas que conduzem a Lisboa e a Paço d'Arcos:

1000 pipas de vinho ... a	10\$000 ..	10:000\$000
10:000 gigas de fructa .. a	§400 ..	40:000\$000
2000 caixas de laranja .. a	3\$000 ..	6:000\$000
1100 ditas de limão .. a	3\$000 ..	6:300\$000

**Somma .....** 62:300\$000

Esta somma de exportações enorme para um só concelho não teem ainda sido considerada razão sufficiente para se attenderem as reclamações da Camara Municipal ácerca das vias de communicação que nas immediações do concelho se vão tornando intranzitaveis.

Para ha pouco se fazerem alguns concertos irregulares e imperfeitos, foi preciso que o presidente da camara recorresse á generosidade particular. Foi por meio de uma subscrição que se pôde juntar cinco moedas, para tapar buracos onde os carros se quebravam, com grave damno dos proprietarios. Se não fosse o modo porque sobre elle peza a administração, o concelho teria com as proprias forças occorrido ás necessidades immediatas.

Os factos fallam mais do que as palavras. Estes dados estadísticos que acima transcrevemos a respeito do concelho de Collares, são um argumento irrecusavel para aquelles que como nós desejam uma boa reforma administrativa.

E' impossivel que os legisladores deixem durar por mais tempo esta lucta entre os interesses locais e os interesses da administração: é necessario que uns e outros se harmonisem, e para isso ha além de outros um caminho seguro a seguir; dar mais influencia economica ás camaras municipais; e remunerar, por modo que não peze excessivamente sobre os concelhos, os serviços administrativos.

*J. de Andrade Corvo.*

---

**LITTERATURA E BELLAS-ARTES.**


JUDITH.

Quando a escola de Florença abandonou o estillo severo de Miguel Angelo, ella adoptou um estillo gracioso e correcto, que em breve se espalhou por toda a Italia. Christovam Allóri (Bronzino) foi um dos chefes da nova escola; o seu quadro, Judith, de que hoje damos copia é um dos mais admirados pelas suas qualidades delicadas e puras.

Conta-se deste quadro a seguinte anedocta. Allóri enamorou-se de *Mezzafirra*, e tendo sido sacrificado pelos caprichos da sua bella, pintou-a debaixo da forma de Judith, com o sorriso nos labios, levando na mão a propria cabeça do pintor.

---

**LITTERATURA HESPANHOLA MODERNA.**

*D. Antonio Gil e Zarate.*

Uma causa que está nas paginas mortas da historia tem separado duas nações, que a posição phisica, os interesses mutuos, e a reciproca conveniencia intellectual deveriam unir moralmente desde muito. Portugal e a Hespanha collocados um ao pé do outro conhecem-se tão pouco como se a extensão dos mares ou a distancia de milhares de legoas se interpozesse entre elles. Filhos do mesmo berço e do mesmo cli-

ma rara vez a inspiração desceu sobre um sem tocar o outro. O raio divino, que accendeu o genio de Cervantes illuminou de gloria o tumulo de Camões. Nas solidões virgens da America, ou nos campos de batalha da Europa a guerreira monarchia de Carlos V lavrou os brazões das suas armas á ponta da espada. Cortez e Pizarro se não egualam Vasco da Gama e Alfonso de Albuquerque, sentão-se logo abaixo dos Achilles da Cruzada Indica, em que a Asia quasi toda se ajoelhou á corôa portugueza.

Porque razão pois dois povos feitos para se entenderem e abraçarem se olham pelo contrario de longe e de má vontade? Qual é o motivo, que ergue entre elles fronteiras moraes tão impenetraveis, que as duas sociedades se ignoram quasi completamente? Como já dissemos a causa está nas paginas findas da historia. Mas ha sentimentos que nunca morrem no coração dos povos, ou no coração dos homens. O amor da nacionalidade que nos fez heroes em Aljubarrota e nas linhas d'Elvas; que inspirou aos nossos vizinhos e a nós tambem prodigios de valentia e devoção nas luctas com o imperador Napoleão, o ciume da nacionalidade é quem nos affasta de um trato que se nos affigura perigoso; aonde vemos em cada palavra cortez uma caricia traçoira, em cada sorriso benevolo uma sedução calculada.

Todo o povo que se esquece da terra em que nasceu e contempla indifferente as côres estrangeiras, que a proclamam vencida — é um povo morto, uma nação, cujo espirito passou em quanto o corpo se dissolve. O apego que nos faz amar as agoas, os montes, e o céu da patria, que nos persegue com o pungir da saudade no meio da mais aprazivel viagem, é de todos os affectos o mais santo e o mais nobre. Mas deve-se elle exaggerar a ponto de nos entorpecer no desenvolvimento intellectual; será justo dar-lhe as proporções repugnantes de um fanatismo, que não vê, que não pensa, e que só vive de odios irrationaes e contumazes?

Ninguem de certo o dirá. Qualquer que seja a solução do problema que a Europa discute a esta hora — ou sábia delle a paz, ou a guerra se levante de novo como nos tempos do Imperio, cada nação deve preparar-se para o seu futuro destino. Hoje não nos parece possivel já a idéa da conquista universal; sellou-a Deus no sepulchro com o cadaver do segundo Cezar. Nesta geração não ha cabeça, não ha alma que possa com ella. Vemos, como na dissolução da sociedade romana, reinos que se desmembram; e nações que tendem a constituir-se independentes; o momento não convida a trabalhar na estatua de Nabuco. Custará a crear nesta quadra quem tente realisar o colosso da monarchia universal!

Nada por tanto justifica a antipathia, que faz extranhas uma á outra duas nações que tanto lucrariam em conviverem como irmãos pela intimidade moral quando já são quasi pela lingua tão semelhante, e pe-

los costumes e clima. As duas litteraturas filhas da mesma inspiração no seu principio, ganhariam tudo em se entenderem e estimularem mutuamente. O maior serviço, que se podia fazer pois era chamar os dois povos ao terreno neutro das sciencias moraes e da poesia estreitando pela mão dos escriptores de ambas as capitães os vinculos de uma alliança litteraria sincera e solida.

A Hespanha, que tão mal se conhece aqui, encerra grandes engenhos e gloriosos trabalhos mesmo nesta epoca, em que o dia de hontem se consumiu na guerra civil, e em que o dia de hoje se perde em novos conflictos. Como nas republicas italianas dos seculos XIV e XV o braço que larga por um pouco a espada descança com a penna. Os soldados são poetas ou escriptores — sabem e usam egualmente as duas armas. Entre nós a escola moderna nasceu na saudade do exilio e respirou o fogo das batalhas nas luctas de 1833 e 1834. Os nossos vizinhos estão no mesmo caso. Martines de La Rosa, Galliano, Gil e Zarate, e os outros fundadores da nova litteratura viram a sorte diversa das contendas politicas, e pagaram mais de uma vez o sorriso da fortuna com o temporal da adversidade. Foram tambem sacerdotes e guerreiros; semearam com a palavra o que depois colheram com o ferro.

Em geral a litteratura hespanhola, como a nossa, repassou-se de mais da imitação franceza, copiando do theatro e da lyrica estrangeira com mais fervor de admiração, do que amor da originalidade. Entre tanto o typo castelhano ainda se não apagou de todo, e mais de uma obra notavel o reproduz. No theatro os nossos vizinhos, se nas peças mais trabalhadas se moldam pelo gosto de Pariz, nos sainetes e comedias de costumes conservam os costumes populares, e deixam vêr em um espelho fiel toda a fisionomia hespanhola. Nos seus escriptos de polemica, e nos esbocetos satyricos o famoso Marianno Larra soube crear com elles um genero que faz a sua gloria e imprimiu-lhe o cunho do seu espirito observador, e do seu engenho caustico e incisivo; ora estas obras tão firmes de traço como felizes de expressão em nada se parecem, e nada tem que invejar á litteratura franceza.

Gil e Zarate occupa na poesia dramatica da sua patria um lugar distincto e merecido. Foi elle um dos primeiros que achou no passado glorioso da velha monarchia um thesouro de recordações para arte, e um elemento de força e de regeneração para o theatro. Começando por se alistar na escola classica continuadora das tradições immoveis da poesia franceza introduzida por Filippe V, acabou por hastear a bandeira de uma nova poesia, que nem acceta a formula inflexivel da arte greco-romana; nem se humilha a ser o ecco servil da escola denominada romantica. Filho de ambas, combatente feliz dos dois campos, aprendeu de cada uma o que devia aproveitar, e separando-se a tempo fundou todas as esperanças de gloria na individualidade e na independencia do seu talento.

Gil e Zarate nasceu no Escorial em Dezembro de 1796. Seus paes eram actores nos theatros do Principe e da Cruz. Foi educado no collegio de Passy para onde o mandaram da idade de oito annos. A' sua volta á Hespanha tinha esquecido a lingua natal, e o seu primeiro estudo consistiu em a recordar, meditando os grandes mestres da arte, e recorrendo ás origens primitivas, aos monumentos da poesia castelhana. Em 1819, pouco antes de romper a segunda phase constitucional dedicou-se a traduzir algumas obras eminentes e entre ellas o livro notavel de Philips sobre as attribuições do jury. Todos sabem como a revolução liberal de 1820 expirou suffocada pela intervenção franceza; e ninguem ignora tambem de que modo o partido absoluto deshonrou a victoria com supplicios e perseguições. Gil e Zarate tinha dois crimes aos olhos da corte reaccionaria: fôra em pregado no ministerio do reino durante o regimen das côrtes; e a este crime unira o attentado ainda mais atroz de se deixar eleger official da Guarda Nacional. Já se vê que admirara soffrivel direito ao martyrio politico.

O governo de Fernando VII, o paternal governo do rei *neto* não se esqueceu pois de o contemplar. Deportado em Cadix as letras foram o seu recreio e a sua esperanza no rigor da adversidade. As suas tres comedias são deste periodo. O « *Entremettido* » representou-se em Madrid no anno de 1825; « *Cuidado com a Noiva* » e « *um anno depois das bodas* » subiram á scena em 1826, quando o auctor já tinha obtido licença para regressar á capital.

Fernando VII, como excellente rei absoluto que foi, detestava cordealmente a impressa. Não lhe devia grandes lisonjas; mas este odio de systema e de pessoa admittia certas excepções. A' maneira de um de seus augustos antecessores S. Magestade gostava de ensaiar a sua penna em artigos anonimos que escrevia ou inspirava. Sabe-se até que pouco antes da intervenção franceza um jornal disparava sobre todos os monarchas a artilharia grossa das injurias, distinguindo para os maiores ultrages Luiz XVIII. O descendente de S. Luiz que era entendedor e commentava Horacio com verdadeira paixão entre as causas politicas não esqueceu as diatribes do periodico para instar pela intervenção. Ora ha quem assevere que o principal redactor e instigador desta folha licenciosa era nada menos que D. Fernando, setimo do nome!

Isto prova só que nenhuma regra deixa de ter excepções; e por isso admira menos que a côrte permitisse a publicação de um jornal em Madrid nos fins de 1832. Este periodico fundado com o titulo de *Boletim do commercio* aonde escreviam entre outros homens notaveis da opinião liberal, D. Fermino Caballero e Gil e Zarate, é agora o *Ecco del Commercio* a folha mais antiga da imprensa constitucional. Em 1836 o duque de Rivas, Isturitz, e Alcalá Galliano chamaram o poeta para o seu lado, dando-lhe um emprego importante na administração. Depois dos acontecimen-

tos da Granja Isturitz arrastou Zarate na sua queda. Em 1843 governando o ministerio Lopes tornou a ser empregado pelo seu amigo Fermino Caballero no mesmo lugar. Na secretaria do reino Gil e Zarate dirige a importante secção da instrucção publica.

Gil e Zarate não é só poeta. Talento robusto e engenho laborioso tem estudado as questões mais graves e aridas, e á custa de esforços mereceu não só á sua patria mas á França o conceito de habil administrador. São delle os trabalhos que reorganizaram a instrucção; deve-se-lhe igualmente e a Galliano a redacção tão difficil da lei municipal. A *Collecção de diversas questões politicas e administrativas* emprehendida com D. Cristobal Bordiu e varios artigos da *Revista de Madrid* attestam a profundidade e a meditação do escriptor nesta esphera de conhecimentos.

Gil e Zarate tudo o que é deve-o a si. Filho unicamente das suas obras, não entendeu que o mundo se devia curvar para lhe offerecer uma posição — foi elle conquistal-a com o seu trabalho. Dotado de imaginação brilhante e fertil soube sujeitar-se ao labor mais severo da administração, e obrigou-a a fallar a lingua clara, e positiva dos negocios. Moderado nas idéas politicas estudou antes de se ingerir na acção dos partidos; e quando se declarou por um systema achou-se no caso de o sustentar em nome da razão e não com o sentimentalismo ridiculo de um dityrambo. Uniu o merito solido ao engenho superior, fez-se homem pratico pelo estudo; e depois ninguem lhe pôde negar nem a sua posição, nem o seu direito a ella.

Zorrilla que a poesia sagrou sobre o tumulo de Larra, Breton de los Herreros, Escossura, e Madrazo collaboraram com Gil e Zarate no *Semanario Pintoresco* fundado pelo esprituoso Mesonero de Romanos. Os famosos artigos denominados — *Tipos Espagnoles* — em que o duque de Rivas e outros homens eminentes trabalharam descrevendo os costumes actuaes da Peninsula, compõem uma collecção, que ainda continua e onde se distinguem como modellos tres obras de Zarate — o empregado activo, o empregado inactivo, e o egresso. — A questão do serviço do estado ali é discutida por todos os aspectos; e a sorte das classes mais respeitaveis é advogada com uma eloquencia que honra o talento e o coração do poeta.

Como auctor dramatico Gil e Zarate todos os dias vê dilatar-se uma reputação merecida e ganhada á custa de honrosos esforços. Quando principiou a sua carreira, sujeito á disciplina da escola classica compoz duas peças tiradas da historia nacional — « *D. Rodrigo* » e « *D. Branca de Borbon*. » O assumpto, a elevação do estillo, e a nobreza de sentimentos, que respiram tornaram-nas dignas da scena tragica, posto que não brilhasse nellas a graça attica e a correção admiravel do *Oedipo* de Martines de La Roza. A acção de D. Rodrigo abre com o ultrage da Cava e termina com a queda da monarchia goda. Os moldes estreitos, a que a arte antiga condemnava o poeta, roubam ao D.

*Rodrigo de Zarate* a vida e a força que animaria a catastrophe, se a acção substituisse o dialogo, e em vez da magestade do periodo sonoro viesse o terror do crime commover as platéas e explicar o ultimo dia do imperio em Guadalete.

*D. Branca* é superior. Posto que ainda acanhada pelo inexoravel rigor das regras attribuidas a Aristoteles, basta o caracter do rei D. Pedro o Cruel, perfeitamente cunhado, para a tragedia lembrar algumas das qualidades, que se admirão no Ricardo III de Shakspear. O famoso dialogo entre D. Pedro e Maria de Padilha revê já a transição para a escola moderna. A verdade das paixões é realçada pela belleza da fórma, e não precisa della todavia para ser excellente. *D. Branca* indica profundo estudo do coração humano, e um adiantamente notavel na arte. D'ahi á renovação completa distava apenas um passo.

Este não se demorou. Ardia a guerra entre a eschola nova e a antiga; e os adeptos da primeira sustentavão que Zarate, apezar da belleza do engenho e do estillo não podia sahir da imitação classica sem perder a palma, que lhe dera o successo de *D. Branca*. Para argumentos desta natureza ha só uma resposta possivel. O talento diante da critica, que o nega, confunde-a vencendo o obstaculo que ella offerece como insuperavel. Gil e Zarate deixou triumphar os detractores com o seu silencio; e mezes depois replicava honrosamente pondo em scena *D. Carlos el Hechizado*, verdadeiro modello do drama romantico. Todas as qualidades de imaginação e de estillo, que o genero pede se achão nesta peça. Desenho firme e energico; enredo travado; acção rapida; lances inesperados e vigorosos unem-se a fórmas caprichosas mas estudadas, em que o verso brilha em toda a magnificencia da lingua, e corre profundo e arrebatado como as paixões sombrias que exprime.

A representação deste drama foi um successo para a Hespanha. A polemica durou annos, e até passou da arena litteraria para as questões pessoas. O caracter do protagonista, do padre Froylão, foi defendido por um descendente e justificado perante a historia. Os partidos politicos desceram á liça tambem, e travaram em volta do monumento litterario uma lucta, que ficou memoravel. Deste dia data a modificação, que transformou o talento de Zarate. Sem adoptar todas as exagerações que degeneram a escola moderna o poeta rompeu com a arte classica, e collocou-se na opinião intermedia que proclama a liberdade sem licença, e estuda os sentimentos e as paixões no coração. Esta opinião, que procura as origens do genero na poesia castelhana nacional de Lope da Vega e de Calderon é representada pelo *D. Alvaro* do Duque de Rivas.

Gil e Zarate compoz depois da representação de *D. Carlos* grande numero de comedias e dramas. Entre elles distinguem-se quatro: = *D. Alvaro de Luna*; «*Un Monarca y su privado*»; «*El Gran Capitan*»

(Gonzalo de Cordova) e «*Masaniello*.» Os typos destas peças não recordam a escola franceza; lembrão mais o *Conde de Egnont* de Goethe, e a *Maria Stuard* de Schiller. A peça, que assigna porém a Zarate um logar distincto na poesia hespanhola, é o seu *D. Gusman el Bueno* fundado nas tradições da casa de Medina Coeli. Ahi está descripto em toda a magnificencia um episodio da grande lucta da raça arabe com a christã, e se ostentão caracteres de uma verdade e de um effeito sublime.

O talento do auctor de *D. Carlos* ainda não disse tudo. Na carreira, que percorre, os passos que adiantou attestão pelo contrario, que de anno para anno se deve esperar um progresso novo. Na pleiada de escriptores eminentes que honrão o reino vizinho o engenho é fecundo como o solo, e a imaginação graciosa e viva como o sol que lhe doura as ricas paisagens. Gil e Zarate já fez bastante para provar que nasceu poeta; ha direito para confiar ainda, que depois de *D. Gusman* um primor d'arte justifique a denominação de *Genio*, que algum dos seus compatriotas lhe liberalisa. Se é difficil não foi nunca impossivel fechar uma carreira honrosa pela gloria de um monumento immortal.

L. A. Rebello da Silva.

---

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

---

CAPITULO XVIII.

*Ainda ha dor maior.*

(Continuado do n.º 20.)

— «Aonde está Gomes Lourenço?» perguntou elle movendo vagarosamente a cabeça.

O moço alleres tornou a estremecer dos terrores antigos. A voz que o chamava tinha o timbre sonoro da que ha pouco enchera a capella d'ameaças. Demorou-se um pouco em responder.

E fitava as barbas e cabellos brancos doromeiro; e lembrava-se de ter visto noutro tempo em alguma parte aquellas feições. O gesto soberbo e o tom soberano que dava animação á fisionomia recordavam-lhe um homem que vira passar perto do seu berço, por entre os brinços da sua infancia; porém reconhecel-o na imagem desfigurada, que da outra apenas conservava esmorecidos lineamentos era impossivel. Estes olhos agora immoveis pareceu-lhe que já os vira, faiscando d'ardor guerreiro, a percorrer as luzentes fileiras antes de se rasgar o galope do seu murzello, e do vento inchar as pregas do seu pendão. Tudo isto

lhe acudia á idéa durante o silencioso exame. Umavez cuidava que o conhecera diverso do que hoje estava; outras a memoria confusa perdia-se entre as ruinas de recordações incertas.

Elle como que adivinhou as duvidas suscitadas pela sua presença. Levemente tremula a sua voz repassouse de melancolia quando se dirigiu ao cavalleiro de Salzedas.

— « Não te disse ainda o coração quem sou? Para D. Gomes Lourenço não conhecer D. Pedro Affonso, o irmão de seu pae, é necessario que elle esteja bem mudado! »

— « O Lidador, o Cid d'Andaluzia, sois vós? »

— « Sou . . . fui noutro tempo. »

— « E o espirito do irmão de meu pae vem avisar-me de que chegou a minha hora? » — exclamou o alferes d'el-rei que sentia de novo vergar os joelhos apezar do seu esforço. Não podia crer que fallava com um vivo.

— « O espirito é que morreu, mancebo » — redarguiu o tio amargamente. — « O corpo vive e padece até Deus querer. »

— « D. Affonso Viegas! . . . neste estado . . . » — murmurava Gomes Lourenço — a melhor lança de Castella e Portugal!?. Vindes da terra de Deus, e os tractos dos infieis . . . »

Não se atreveu a acabar. Confrangia-se d'assombro e de pezar; e limpava com as costas das mãos as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos.

— « Da terra de Deus?! . . . » — respondeu com ironia o cavalleiro. — « A terra donde venho é de trevas e desesperação. Aprendi lá cinco annos a soffrer a fome e a sede . . . curti as dores do coração, mais crueis que todos os martyrios . . . Deram-me tratos, mas não foram os infieis. Este mendigo pobre e cego é o que resta daquelle que chamaram rico-homem de Salzedas, e cavalleiro de Sancho I, rei de Portugal. »

— « Cego!? » — gritou Gomes Lourenço, e travando-lhe do braço com o rosto sobre o d'elle seguia nos globos immoveis do romeiro o rasto ardente do ferro, que lhe queimára o lumé da vista.

— « Fizeram-me cego para ser mais fraco do que a mulher. Fizeram-me escravo para ficar mais vil do que os malados do meu solar! »

O tom em que fallava era baixo e surdo; entre tanto cada palavra vibrante e acerada entrava como uma setta pelo coração dentro.

— « Mas quem fez isto, quem? » bradava dolorosamente o moço cavalleiro apertando as mãos com ancia.

— « Quem te colheu no meio da tua carreira, e na aurora da vida, na florescencia do amor te deitou aos pés dessa cruz, á borda dessa cova, leito frio e humido aonde o velho ajunto os ossos para dormir o somno derradeiro? . . . Gomes Lourenço, quem te quebrou a espada, que a não pudeste desembainhar como cavalleiro? Quem te assoprou sobre a alma, e apagando a luz da esperança t'a abismou nas trevas? Quem

te amassou o coração de fel e desesperação e t'o lace-rou de modo, que se não morresses alli » — e mostrava o cepto — « morrias da tua dor, maldito de Deus e apupado dos homens? . . . Vae perguntar á consciencia quem te poz um deserto no jardim da mocidade e uma sepultura no principio da existencia; quem te metteu um cilicio d'espinhos debaixo do aço da armadura, e saberás mais do que eu posso dizer-te. »

— « O amor; foi o amor . . . gritou o mancebo cravando a vista no rosto palido do romeiro.

— « Não te enganas » — continuou D. Affonso — o amor foi quem me perdeu. Pouparam-me os golpes dos infieis para eu chegar a isto!

— « Mas como? dizei-mo, oh dizei-mo pela amizade de meu pae, de vosso irmão . . . tenho ancia de pagar essa divida . . . »

— « Mancebo — retorquiu com ar severo o romeiro — não vim pedir-te auxilio. Quando costumaram os Viegas juntar-se como rebanho de villões para matar um homem? Não te pedi nada em quanto foste livre . . . agora que esperas a morte, agora chegou o dia de te dizer: — « Gomes Lourenço, queres vingança? »

— « Tendes razão — acudiu com profunda magoa o cavalleiro moço — já não sou nada. Tenho de meu meia hora de vida, e morto . . . quem me vingará a mim? »

— « Não to disse já? Cuidas que se penam cinco annos a chorar na escuridão o amor e a esperança, para expirar com a infamia na fronte, no meio das rizadas do vulgacho, e debaixo do calcanhar de ferro dos senhores?! . . . Não, pelo inferno ou pelo céu! Se uma vez só D. Affonso Viegas tal acreditasse, essa hora seria a ultima da sua vida. »

— « Sois um Viegas, vós; o covarde de toda a nossa raça fui eu. Nem ao menos soube achar a morte de um cavalleiro. »

— « Silencio, mancebo, não te culpes antes de te accusarem. Julgas que a dor d'um dia e o trance d'um minuto bastam para ser o que eu cheguei a ser? . . . A ti davam-te a deshonra, e pediste a morte . . . Eu para não acabar hoje aceitava todos os ultrajes, se houvesse ainda algum que fosse novo para mim. Somos Viegas de Salzedas ambos. Um para cahir amortalhado na sua armadura de cavalleiro; o outro para se arrastar como a vibora, e enrolando-se nas entranhas dos traidores lhas rasgar sem piedade! Não quero só o corpo quero a alma de todos elles. O inferno é que pode pagar toda a minha divida . . . tamanha, que não tem preço na terra nem no céu. »

— « E' verdade! » — exclamou Gomes Lourenço — « Se os vis soubessem! . . . »

— « Sabiam. Os villões cuidam que o ninho de Lanhoso é muito alto para lá chegar o braço do escravo. Assentam que depois de cego não se trepam as rochas que o cercam sem rolar por ellas. Enganão-se. Martim Paes, saberás que te enganaste. »

— «Oh Martim Paes, Martim Paes!» bradou com raiva o moço alferes.

— «A ti pediu-te a vida, e a mim tirou-me a luz dos olhos, o nome de meus paes, e esta mão de cavalleiro... mancebo, qual de nós é o mais desgraçado?»

— «Sois vós, sois vós.»

Estiveram callados alguns instantes. D. Affonso proseguiu no tom de quem narra uma historia alheia:

— «A minha ruina veiu do amor. Adorava a irmã de Maria Paes — um anjo que Deus mandou nascer entre demonios para com o céu fazer inveja aos réprobos do inferno. Amei-a do amor que se prova uma vez na vida... tu que morres delle bem sabes que amor é.»

— «Trahiram-vos!»

— «Nunca. Se no coração da mulher ha mais ternura ella amava mais do que eu ainda. No fim d'um anno estavam no primeiro dia...»

— «E perdeste-a?»

— «Perdi!»

— «E vivestes, e podestes viver?»

— «Quem na havia de vingar se eu morresse, mancebo?... Sobrevivi até ao coração com que a amava. Tive animo. Gomes Lourenço se podesses adivinhar o enlevo, a doçura em que me encantou aquelle anjo; a prizão que era o brando colar daquelles braços; o doce philtro que tinham as rozas daquelles labios!... Cavalleiro, não me lembrou mais a gloria; christão, se mo pedisse, por ella negava o meu sangue e o meu Deus... Estive no céu um anno... Senhor! — acrescentou convulso e pondo as mãos — «cinco deste purgatorio serão pouco ainda para expiar a ventura tão breve d'outro tempo?...»

— «Oh que horror será acordar de um sonho desses!»

— «De tudo se acorda Lourenço até da ventura» — redarguiu D. Affonso com tristeza. — «Mas que dôr, que dôr aquella!» Ouve. A fortuna cegou-me. Esqueci-me de que entre o nosso amor estavam os Viegas e os Ribeiros. Elles é que não se esqueceram. Em quanto eu dormia velava o odio á minha cabeceira.

— «E colheu-vos?...»

— «Á traição como a ti. Deitaram-me correntes aos pés; chamaram depois os verdugos, e duas vezes senti arder o ferro nos olhos e cravar-se o ferrete na carne. Quando me soltaram achei-me cego. E ella, a triste, alli sempre a vêr tudo, a padecer mais do que eu proprio. A desventurada morria a cada suspiro meu... o sangue que me espirrou das varas todo lhe cahiu no coração... Gomes Lourenço, não sabes, o irmão de teu pai, o filho dos Viegas de Salzedas foi açoutado como açoutam o mouro fugidigo?!...»

A voz a pouco e pouco ia-se-lhe sun indo. Cada palavra parecia que vinha envolta n'um véu de lagrimas

e cada som, apesar de surdo era cortante como um gemido. Aquelle homem tão robusto d'espírito, que infortunios tamanhos nunca vinceram, não podia tocar nas chagas do orgulho ou do amor sem lhe saltar dellas o sangue mal vedado.

— «Quando acabaram os tratos cahi nos braços de Branca — «proseguiu D. Pedro Affonso.» — No carcere do Solar de Lanhoso era ella quem me consolava, e eu cego nem sequer pude vêr como aquella flor murchava em cada hora. O ar, o sol, e a luz talvez a salvassem... não salvavam! se ella morria do coração!... por viver comigo respirou as trevas humidas do meu sepulchro. Por fim a desgraçada já não tinha força, já não podia com aquella cruz. Levaram-na. Passou um dia, dois, mais outro; e eu a esperar, e ella sem voltar. No quinto foram-me buscar á masmorra. O sitio para onde me levaram não o conhecia. Era ao ar livre, pizava a relva do campo, e sentia no rosto a frescura da manhã. Apalpei; a terra estava revolvida. Depois ouvi dobrar os sinos e rezar o officio dos mortos. Cada vez sentia mais perto as orações. Os padres avisinhavam-se; e uma voz tremula exclamou: — «Rezaí por D. Branca de Lanhoso — por alma d'uma santa.» Só então soube que estava á borda da sepultura de minha esposa. Dei um grito e cahi no chão.

— «Meu Deus, que golpe!» atalhou o mancebo.

— «Quando tornei a mim estavam pregando o atauda. Senti bater sobre o coração uma por uma as pedras que lhe rolavam em cima; esfriou-me o gello da terra, que tapava a bocca e os olhos aonde tanto amor viveu! — Gomes Lourenço, se naquella hora, para a ressuscitar, me dissessem «perdoa!» eu, um Viegas, escravo e cego teria perdoado. Vê lá se amava.»

— «Que almas!»

— «Devia ter morrido então se a dôr matasse» — continuou D. Affonso suffocado. — «Cavalleiro tinham feito de mim o truhão do vulgacho. Rico-homem puzeram-me abaixo dos escravos, e lançavam-me fóra de casa para mendigar o pão negro da esmolla.»

— «Mas ao menos fostes amado!» — atalhou Gomes Lourenço com intranhavel inveja.

— «Mancebo, quando o amor encheu a vida, vê-lo na sepultura, e sentil-o queimar no coração é o peor martyrio. Oh se um Viegas pudesse chorar!... Gomes Lourenço o cavalleiro de Salzedas acabou quando disseram que elle morreu, mas ha uma cousa que não acaba, que não se mata...»

— «O amor, eterno como Deus?»

— «Não! O odio acceso nas cinzas do amor; esse é que é eterno.»

— «Se vivirá tambem além do tumulo?» — retrucou o moço alferes olhando para a sepultura de seu pai.

— «Na terra, no céu, ou no inferno ha-de viver... O que te disse ainda ninguem o ouviu da minha bocca. O vaso de fêl abriu-se sobre a tua covata»

pela primeira vez. Lembre-te que foi um vivo que fallou a um morto.»

— « Descançai. Não tenho vida nem para me recordar do que dissestes — respondeu Gomes Lourenço tristemente.

— « Os covardes » — proseguiu o cego abaixando a voz de modo que os sons não passavam do ouvido de Gomes Lourenço, » — os vis cuidaram que cegando os olhos, e cravando o ferrete na testa do rico-homem ficavam seguros. Como se isto pudesse esquecer, e com a espada e a luz me tivessem também arrancado o coração do peito . . . O sol ergue-se nos céus e não sei que é dia . . . as arvores, os rios, as ameias do meu solar sumiram-se para sempre nesta noite em que vivo . . . guerra, amor, nobreza, gloria roubaram-me tudo n'um instante, e os loucos acreditam que eu não tenho alma, nem memoria — que hei-de de acabar na primeira quebrada d'uma serra, sem lhe fazer provar do veneno que me deram?! »

— « E podeis pagar-lhe a dôr com a dôr, a infamia com a infamia? . . . »

— « Posso — respondeu elle levantando a fronte com orgulho, » — os vis esqueceram que a alma de um Viegas para se vingar quebra até a lagea do sepulchro! . . . Os homens diziam: — « não sabeis? D. Afonso o Lidador fez-se monge e morreu na Terra Santa! . . . » e eu ria-me e seguia o rasto dos algozes como o lobo segue a preza. Quantas vezes de noute, encostado ao roble senti passar o halito abrazado da tormenta pela fronte nua, e a saudei como irmã. O que é a minha alma senão uma tempestade? Quantas não faiscou o raio pelo tronco abaixo, e respirando o fogo do céu o achei mais suave do que o fogo que me queima aqui dentro! . . . Quatro annos de paciencia e de martyrio gastei em cavar debaixo dos alicerces do solar a sepultura de todos elles. Eu só! Estive ao pé e não me conheceram; julgavam-me morto; e depois se nem o filho de meu irmão se lembrava de que estas feições eram minhas como podiam cuidal-o elles! Abriram-me as portas, sentaram-me á sua mesa, receberam-me debaixo do seu tecto . . . Gomes Lourenço esta noite é a ultima — amanhã principia um inferno em que os mortos serão de todos elles os mais felizes. »

— « Abençoado sejaes meu Deus! » — bradou o moço cavalleiro, ajoelhando com fervor. — Abençoada seja a mão que me alimpa as lagrimas á borda da sepultura. Já não sinto a morte. Que soem sobre a minha campa os gemidos; que a regue o sangue delles — e não me queixo. »

— « És verdadeiro filho de teu pai » — respondeu o romeiro, — « Donde estava escutei as consolações do monge que vinha prégar-te resignação e humildade. Os Viegas não se consolam senão com a vingança. Não perdoam nem se humilham. Vingam-se com Deus e apezar de Deus! »

Sentiram ruido de passos. D. Afonso apertou um

momento o moço alferes nos braços. Depois beijando-o na fronte, e estendendo a mão sobre elle exclamou:

— « Em nome de Christo, eu, o irmão de teu pai o mais velho da familia e martyr como tu, lanço-te a bençam de Deus. Possa o teu sangue pezar na balança do juiz, e a tua voz ser ouvida no tribunal da sua justiça! »

— « Até nos vêrmos na eternidade! »

— « Até ao dia de juizo! »

E com os mesmos passos tremulos com que entrara o cego apalpou nas tapessarias um sitio conhecido, e sahiu pela porta que ellas disfarçavam.

Gomes Lourenço ergueu então a cabeça, e disse com fervor:

— « Agora venha embora a morte . . . nem a sinto. »

L. A. Rebello da Silva

(Continua.)

## POESIA.

### A SOLIDÃO (\*).

Finds tongues in trees, books in the running streams  
Sermons in stones, and good in everything.  
Milton.

E' tão doce o vir tranquillo  
Divagar na solidão,  
Fugir sequer um momento  
Do rugir da multidão,  
Que se alguem o não gozou  
Oh! não tem vivido — não.

E' tão doce o vir sentar-se  
Na altiva escarpa do mar,  
Ver em baixo as torvas ondas,  
Nos recifes espumar,  
E nem um barquinho ao longe  
Humilde as ondas sulcar.

Quando a tarde descaindo  
De roxo tinge o poente,  
E o sol cobre meio disco,  
Tocando o extremo occidente,  
Quem na solidão agreste  
Um viver novo não sente?

Quem não sente esse murmurio,  
Que o coração não opprime,  
Como o 'stridor das cidades;  
Que é como um canto sublime,  
Que da solidão nas harpas,  
Um louvor a Deos exprime?

(\*) A poesia = ORIENTAL = que publicamos no nosso n.º 19, assignada com as iniciais L — C, era assim como esta de hoje, do Sr. Latino Coelho.

Quem não sente a alma voar-lhe  
Em solemne aspiração  
No erguido templo, que assenta  
Do mar no limpido chão,  
Sob as arcadas celestes,  
Nos serros da solidão?

Quem ousára ali blasphemo  
Duvidar do rei dos céus?  
Não tem voz a natureza,  
São mudos os echos seus?  
O sol, as vagas, o vento,  
Não fallam todos de Deos?

Eu não quero um throno d'ouro  
Não quero a c'roa dos reis,  
Que a fronte me esmagaria,  
Com seus pesados laureis,  
Que esmaltam de gloria um dia  
Por mil de espinhos crueis.

Quero á sombra dos carvalhos  
Que crescem na soledade,  
Beber nas auras subtis,  
Na flor que abrolha á vontade,  
E nas ondas indomaveis  
Os hymnos da liberdade.

Não da liberdade ingrata  
Que nas cidades se mente,  
Planta que affoga as raizes  
De sangue em negra torrente,  
Que tem sempre a murcha côma  
Crestada por sol ardente.

Não da liberdade impia  
Que esparze os dotes que encerra  
Pela voz de cavos bronzes;  
Que tem sobre toda a terra,  
Por cantos—hymnos de morte,  
Por echo—um grito de guerra!

Que abate a estatua dos reis  
Sem quebrar-lhe o pedestal,  
P'ra ter um solio onde imperem  
Em rotação infernal,  
Mil tyrannos populares  
Por um tyranno real.

Aqui não hei-de—o phantasma  
Da romana magestade  
Dos sepulchros evocando,  
Vêr a luz da liberdade  
Sobre o sangue que tingio  
Os dias da antiguidade.

Não—que hypocrita não hei-de  
Suppôr vergel d'açucenas  
O que foi matta d'espinhos,

Nem hei-de ir fingidas penas  
Depôr nas hervas, que enleiam  
As soltas pedras d'Athenas.

Mas na grave solidão  
Posso nos delirios meus  
Dizer ás ondas, aos ventos,  
Aos sóes, que vagam nos céus:  
—Aqui sou livre, sou homem,  
Acima de mim só Deos!

Aqui a voz importuna  
Da amizade adulatora,  
Cede ao sussurro das agoas,  
Da briza á voz gemedora,  
E ao canto ameno das aves,  
Que trinam, saudando a aurora!

Aqui uns labios, que mentem  
Mal fingidas affeições,  
Não vem no comprado beijo  
Tingir nossos corações,  
Nesse veneno, que apaga  
As mundanas illusões.

A virgem que eu aqui sonho  
Não tem a voz dos mortaes;  
Falla o murmurio da fonte,  
Que brota ao pé dos rosaes;  
Suspira o cicio das folhas,  
Dos silvestres salgueiraes.

Vejo-a á hora do crepusc'lo  
Purpureas roupas trajar;  
Balouçada entre as aragens  
Ondas de prata encrespar;  
Ora nas fragas da serra  
Entre a nevoa esvoaçar.

O' solidão, tu me deixas  
Entre os teus magicos véos  
Vêr o amor nos sonhos d'alma  
Descer ligeiro dos céus;  
A meus pés rojar-se o mundo,  
E acima de mim só Deos!

*Latino Coelho.*

#### ANNUNCIO.

Recommenda-se aos Srs. Assignantes das Provincias, que queiram mandar pagar aos Srs. Agentes já mencionados em diferentes numeros deste Jornal, as quantias que forem devedores; assim como todos os Srs. Assignantes, que pela grande distancia, ou que não tenham Agentes, mandarão pagar ao escriptorio deste Jornal.